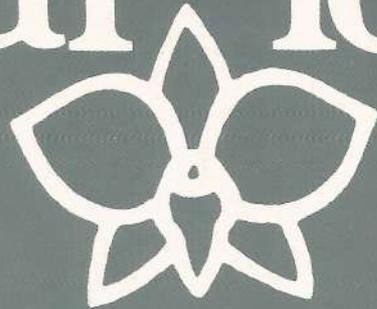


Orquidário

*Volume 4, nº 3, 1990
julho, agosto e setembro*



Revista
da Orquidário

DIRETORIA

Presidente: Raimundo A. E. Mesquita
Vice-Presidente: Waldemar Scheliga
Diretor da Área Técnica: Álvaro Pessôa (interino)
Diretora da Área de Relações Comunitárias: Maria da Penha Fagnani
Diretor da Área Administrativo-Financeira: Yran Lassance (interino)

DEPARTAMENTOS

Exposições e julgamento: Ivana Zubic
Difusão Cultural: Carlos A. Gouveia
Pesquisa, Cultivo e Cursos: Waldemar Scheliga (interino)
Biblioteca: Mário de Abreu Almeida
Sócios: Helena Eyer
Eventos e Relações com Organizações Congêneres: Hans Frank
Secretariado: Osmar Judice
Tesouraria e Finanças: vago
Patrimônio: Mário de Abreu Almeida

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente: Alexis Sauer
Membros: Felisdoro Bastos Nunes, Luís Clemente Ferreira de Souza Carlos Eduardo de Britto Pereira e Roberto Agnes
Presidentes Anteriores: Edward G. Kilpatric, 1986/87 e Álvaro Pessôa, 1987/90

REVISTA ORQUIDÁRIO

Editor deste Número: Raimundo A. E. Mesquita Tel.:(021) 246-0554

Comissão Editorial: Carlos Eduardo de Britto Pereira, Waldemar Scheliga, Carlos A. Gouveia e Álvaro Pessôa
A revista circula trimestralmente, com publicação nos meses de março, junho, setembro e dezembro e é distribuída gratuitamente aos Associados.

Roga-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos ao Editor, datilografados em espaço duplo, em uma só face, em papel ofício tipo A-4. Aceitos, serão publicados em um dos números seguintes. Os reiterados serão devolvidos ao autor, desde que tenha fornecido o endereço. Fotografias, em preto e branco, devem vir acompanhadas de negativos e nome do fotógrafo, devendo ser identificadas a autoria de desenhos e esquemas, apresentados, sempre, em papel branco e tinta preta. Para fotos a cores os autores deverão remeter, em slide, diapositivo ou o próprio fotolito a ser publicado, com identificação do motivo da foto e nome do fotógrafo. Para remessa de fotolitos contatar, antes, com o Editor para ajuste de dimensões.

Propaganda e matéria paga, com indicação de mês de publicação, deverão ser entregues à Redação com 2 meses de antecedência.

O título da Revista é de propriedade de OrquidaRio, nome que, também, está registrado no INPI.

Qualquer matéria ou fotografia publicada, quando não sujeita à reserva de direito autoral, indicada como DR, pode ser reproduzida desde que se indique a origem.

Preços:

- 1 — contribuição dos sócios:
 - fundadores e contribuintes, anuidade de Cr\$ 1.500,00
 - correspondentes: Cr\$ 1.000,00
 - vitalícios por faixa etária:

I	— 30 a 40 anos: Cr\$ 65.000,00	V	— 61 a 65 anos: Cr\$ 30.000,00
II	— 40 a 49 anos: Cr\$ 50.000,00	VI	— 65 a 70 anos: Cr\$ 15.000,00
III	— 50 a 55 anos: Cr\$ 40.000,00	VII	— 71 a 75 anos: Cr\$ 20.000,00
IV	— 56 a 60 anos: Cr\$ 25.000,00	VIII	— acima de 75: Cr\$ 15.000,00
- 2 — números atrasados e avulsos, sujeitos a disponibilidade de estoque: Cr\$ 280,00
- 3 — Publicidade devendo o interessado fornecer o texto e lay-out
 - 3ª capa: Cr\$ 18.000,00
 - Página inteira: Cr\$ 16.800,00
 - Meia página: Cr\$ 9.000,00
 - Quarto de página: Cr\$ 4.800,00
 - Oitavo de página: Cr\$ 3.000,00

Os preços acima poderão ser alterados pela Diretoria sem aviso prévio. A Revista não assume responsabilidade por colaborações assinadas e publicidade.

A correspondência à Revista deverá ser enviada ao Editor, Rua Sorocaba nº 122 — Botafogo, CEP 22.271 — Rio, RJ.

Índices dos Artigos

Editorial	pág. 4
Phalaenopsis Lipperose e sua Influência nos Modernos Híbridos Rosas	pág. 5
Sementeira dos Sócios	pág. 12
Notas sobre o Gênero <i>Oncidium</i> — VI	pág. 13
A conservação e o exame de capacidade de germinação de sementes de orquídeas tropicais	pág. 18
<i>Oncidium</i> Equitante	pág. 21
Tesouros entre as Orquídeas	pág. 25
Pelas Livrarias	pág. 30

Índice e créditos de fotos e desenhos

<i>Oncidium</i> Tom Wilson 'Roman Holiday' AM/AOS — Greg Allikas	pág. 4
Grupo de <i>Phalaenopsis</i> — Roberto Agnes	pág. 5
<i>Phalaenopsis</i> Ida Fukumura x Lippeglut — Roberto Agnes	pág. 7
<i>Phalaenopsis</i> William Sanders 'Pink Delight' HCC/AOS — B. F. Fisher	pág. 9
<i>Phalaenopsis</i> Danse 'Ascot' SM/COS — L. Vogelpoel	pág. 10
<i>Oncidium spilopterum</i> — Paulo Barbosa	pág. 14
<i>Dracula</i> no esfagno — Haribert Frustokl	pág. 16
Sementes 12 semanas depois da semeadura	pág. 19
Semente após o teste de tetrazólio	pág. 19
<i>Oncidium</i> Charlotte Libby 'Marcelle' — AM/AOS — William Sweet	pág. 22
Rdcm. Phyllis 'Robson II' — HCC/AOS — William Sweet	pág. 23
<i>Oncidium</i> Charm 'Yellow Doll' — William Sweet	pág. 24

Nosso Próximo Número

No próximo número queremos presentear os nossos leitores com uma revista inteiramente dedicada às espécies brasileiras. João Paulo Souza Fontes, cuja coleção de *Cattleya labiata* figura como uma das mais completas do Brasil, descreverá algumas das variedades



prediletas dele. Álvaro Pessoa falará sobre *Sophranitis coccinea* e sua influência nas *Cattleyas* miniaturas. Os gaúchos falarão de *C. intermedia* e *L. purpurata*, etc.

Vuylstekeara Memoria Mary Kavanaugh "Royal Flush" HCC/AOS tem como uma das suas matrizes a *Miltonia spectabilis* e demonstra à perfeição que pode ser alcançado com o uso inteligente das nossas espécies. Roberto Agnes tratará de gêneros como *Miltonia* e *Oncidium* que tanto influenciaram a produção desses magníficos híbridos, apreciados por colecionadores no mundo inteiro.

Na última capa temos *Lc* Little Mariana "Floralia's Dreams" que demonstra o alto nível atingido pela hibridação no Brasil. Esse cruzamento, da *Laelia crispilabia* x *Cattleya* Rubens Ribeiro, feito pela Florália, tem dado resultados muito além da expectativa. Quase todas as plantas são de crescimento compacto e a inflorescência carrega de 2-4 flores que variam em coloração de creme ao rosa-escuro e o labelo vai de rosa-claro ao amarelo-vivo. Muitos clones têm flores excepcionais e este híbrido já está sendo comparado ao bem-sucedido *Slc*. Hazel Boyd.

Editorial

“Haec meminisse juvabit”

Das primeiras coisas que o orquidófilo tem que aprender é que o latim não é língua morta, já que nos ajuda a conhecer e identificar as orquídeas, mais das vezes, por um traço caracteristicamente predominante. Não pode ser morta uma língua que participa do nosso cotidiano, assim como vive, em nós, da OrquidaRio, o espírito de luta, a aceitação do desafio, de saber tirar lições das vitórias, como dos insucessos, porque tudo isto é que constrói a nossa história e vai solidificando a instituição.

Estas são coisas que devem ser recordadas, para tentar uma tradução livre do verso de Virgílio, que o coloca na boca de Eneas dirigindo-se aos seus comandados, depois de árdua batalha em que a derrota esteve tão presente, como possibilidade, quanto a vitória que, afinal, lhe sorriu.

Recordemos, pois, todos, tudo de bom que já aconteceu e extraíamos lições das vicissitudes porque já passamos os que estamos unidos neste, gratuito, mas, por vezes, tão árduo esforço de construir a OrquidaRio. Estejamos conscientes de que nada construímos para nós, ainda que enfrentar desafios seja gostoso para o espírito de aventura que dormita em cada um de nós. Como os anônimos construtores das catedrais, saibamos fazer da OrquidaRio um sólido templo para o culto, mais do que isso, para a perenização do interesse por esse instante de beleza com que a cada florada somos brindados. E saibamos, sejamos capazes de poder escrever no pórtico de entrada deste templo: “Aqui, cultivando, estamos preservando um ser ameaçado, a Orquídea”.

Que seja este o nosso prêmio, nosso único objetivo, a luta, o esforço para conhecer, para preservar, para aperfeiçoar, enfim, para cada vez mais produzir a beleza, que é, em tudo, incompatível com o que desagrega e destrói, porque a vida de uma sociedade não é diferente de um ecossistema, onde tudo se equilibra, integra e importa, ínfimo que seja em aparência.

Tenhamos a ciência humilde de saber-mo-nos instrumentos de uma vontade coletiva que tem um objetivo e busca realizá-lo por nosso intermédio ao nos confiar a direção da entidade.

Este número da revista que se irá ler é o primeiro que se edita quando começa a nossa gestão. Dele participou a diretoria que terminou seu mandato, e que soube trazer à revista ao padrão de que já podemos nos orgulhar, como participa também a Diretoria que se inicia. Isto é homogênea unidade, disso é que se faz história e tradição. Tanto é para ser recordado, com a certeza, que nos vem da poesia, de que por mais áspera que seja a luta, o prêmio do esforço é o próprio esforço, nada mais.

Raimundo Mesquita
Presidente

Phalaenopsis Lipperose e sua Influência nos Modernos Híbridos Rosas

O presente texto foi cedido pelos autores para publicação em Orquidário, mediante tradução de Roberto Agnes. Além de ser parte da série que vimos publicando sobre Phalaenopsis, traz contribuições valiosas sobre modos e formas de hibridação, assunto que tem sido objeto de solicitações dos nossos sócios e, por isso, integra, na nossa programação editorial, um outro tópico, produção de novos clones a partir de sementeira.

O critério geralmente aceito para medir a excelência de uma planta é o fato de ter sido ela premiada pela AOS ou RHS. Deve ter-se presente porém, que pela qualidade da flor não se garante necessariamente a transmissão dessa mesma qualidade à progênie. A lógica de só se usar plantas premiadas, como matrizes, tem sido desafiada pela história da hibridação do *Phal. Lipperose*, uma planta que nunca recebeu um prêmio da AOS e apenas um AM/RHS. O verdadeiro valor de uma planta como matriz é medido por sua capacidade de transmitir boas características aos seus descendentes.



*Grupo de Phalaenopsis rosa. As duas plantas de flor rosa grande são Phal. Danse.
Dono: Roberto Agnes*

* Diane Davis
400 N. Fig Tree Lane
Plantation
Florida 33317
USA

* Phyllis Finkelstein
41 Fenimore Road
Scarsdale
New York 10583
USA

Um exame dos registros de híbridos novos e de premiações de *Phalaenopsis* rosa nos últimos dez anos demonstra que *Phal. Lipperose* apareceu como ancestral da maioria dos atuais *Phalaenopsis* rosas premiados e, significativamente, influenciou a progênie destas plantas. “Tem figurado no ‘aquecimento’ dos tons lavanda nos rosas, na intensificação da tonalidade de cor, e para produzir texturas mais lisas e ave-ludadas.” (Moses, 1989). Leitores interessados em revisar os primeiros híbridos rosa e seus hibridadores acharão essas referências num excelente artigo no Boletim da AOS, de abril de 1980.

Em 1968 um cultivador de *Phalaenopsis*, o alemão Fritz Hark, registrou *Phal. Lipperose*; um cruzamento entre dois rosas americanos, *Phal. Ruby Wells* x *Phal. Zada*, começando a linha de hibridação que veio a ser conhecida como ‘Rosas Alemães’. Essas plantas originalmente produziram flores grandes de um rosa-claro com boa forma, um avanço naquele tempo. Hark continuou a desenvolver esses ‘rosas alemães’ através do extensivo uso de hibridação seletiva que ele empregou para intensificar e melhorar certas características. Logo apareceram também flores mais escuras.

Em um exemplo de hibridação em linha, dois clones do mesmo híbrido foram escolhidos e cruzados para produzirem um híbrido “sibling”. Dois clones desse cruzamento com as características desejadas seriam então escolhidos e cruzados. A gama de variações é reduzida à medida que o hibridador progride para um objetivo específico. “Através da seleção e hibridação em linha, o tamanho, forma e hábito da inflorescência podem ser melhoradas em gerações futuras.” (Hager, 1985). Muitos dos rosas alemães vistos nos Estados Unidos, hoje, foram criados por hibridação em linha usando “siblings”

e não por recruzamento das matrizes originais.

Retro-cruzamento, outra técnica usada em hibridação em linha, pode obter resultados positivos similares. Um clone é cruzado de volta com uma de suas matrizes originais, criando um novo híbrido. Por exemplo, *Phal. Abendrot* (Lippezauber x Lippstadt) foi cruzado de volta no *Phal. Lippstadt* para criar *Phal. Lippegruss* (Abendrot x Lippstadt). Hibridação em linha também inclui o cruzamento de híbridos próximos. Por exemplo: *Phal. Zauberrose* é resultado do cruzamento de *Phal. Lipperose* (Ruby Wells x Zada) com *Phal. Lippezauber* (Doris Wells x Zada).

Em determinado ponto, no entanto, a hibridação em linha não produzirá mais melhoramentos, devido à natureza concentrada do pool genético. Flores menores e redução no vigor das

plantas são sinais do fim da linha. Antes que isso aconteça, a introdução de plantas de outras linhas de hibridação no programa de hibridação trarão uma influência marcadamente positiva. Bons exemplos disso são cruzamentos de primeira geração como *Phal. DuPage*, *Phal. Rose Heart*, *Phal. Spring Silk* e *Phal. Margit Moses*; os cruzamentos de segunda, geração como *Phal. Rich's Pride*, *Phal. Ida Fukumura*, *Phal. David Loeb* e de terceira geração como *Phal. Purple Royale*, *Phal. Arlene Andrews*, *Phal. Gallant Beau* e *Dtps. Orglade's Tartan*.

Começando por plantas registradas em 1971, *Phal. Lipperose* foi usado por Hark, como também por outros hibridadores, para produzir a primeira geração de cruzamentos de *Phal. Lipperose*, e esses híbridos receberam 28 prêmios da AOS.

Phal. Lipperose (Ruby Wells x Zada)

Nome	Híbrido	Hibridador	Ano	AM	HCC
Aiguail	Arromanches x Lipperose	V & L	1986		1
Channel Rose	Lipperose x Jersey	Stewart Inc.	1980		1
Comanche Rose	Terry-Beth Ballard x Lipperose	Redlinger	1983		1
Danny Jo	Prima Ballerina x Lipperose	O/U	1988		1
Dupage	Shaffer's Pinkie x Lipperose	Hausermann	1974	1	1
Lipperot	Lipperose x Zauberrose	Hark	1975	1	
Lippstadt	Doris Wells x Lipperose	Hark	1971		1
Margit Moses	Lipperose x Magdalene Acker	Moses	1982	1	1
Rose Heart	Dear Heart x Lipperose	Stewart Inc.	1978	2	4
Spring Silk	Lipperose x Quiescence	Stewart Inc.	1978		4
Zauberrose	Lipperose x Lippezauber	Hark	1974	4	4

Phal. Zauberrose tem sido um dos melhores híbridos produzidos pelo *Phal. Lipperose*, tanto como hibridador, como pela beleza de suas flores. Foi o primeiro híbrido a exibir o rosa profundo e quente que nós nos acostumamos a ver nos rosas alemãs atuais. Com 4 AM/AOS, 4 HCC/AOS, 2

AM/RHS e 1 raro FCC/RHS ganho pelo clone 'Elegance', esse cruzamento foi usado por Hark e outros, começando por cruzamentos registrados em 1975 e usado até hoje. Um total de 15 AM/AOS e 11 HCC/AOS foram dados à progênie de *Phal. Zauberrose*.

Phal. Zauberrose (Lipperose x Lippezauber)

Nome	Híbrido	Hibridador	Ano	AM	HCC
Alice Sharpe	Malibu Wedding x Zauberrose	Fennell	1980	1	2
Habsburg	Abendrot x Zauberrose	Munz	1983	2	1
Jewel	Zauberrose x Frank Gottburg	Norton	1987	1	
Lippeglut	Lippstadt x Zauberrose	Hark	1975	2	2
Lipperot	Lipperose x Zauberrose	Hark	1975	1	
Meteor	Zauberrot x Zauberrose	Lemforder	1982		2
Rich's Pride	Mary Tuazon x Zauberrose	Takase	1986	1	1
Tungku Afzan	Zauberrose x Lippeglut	Ooi Leng			
		Sun	1983	1	
Zauberrot	Lippezauber x Zauberrose	Hark	1975	4	2



Phalaenopsis *Ida Fukumura* x *Lippeglut* demonstra o tipo de hibridação que está sendo feito no Havaí. Ambas as matrizes são de flor escura.
 Dono: Soroa Orchids

Phal. Zauberot, resultado de retro-cruzamento, produziu uma terceira geração muito bem-sucedida de híbridos do *Phal.* Lipperose (quarta geração dos rosas alemães). Um exemplo é o *Dtps.* Orglade's Tartan (*Dtps.* Orglade's Pastel Mate x *Phal.* Zauberot), que foi premiado com um AM/AOS na primavera de 1989. É um rosa, grande, de formato bem redondo e com bastante substância. A importância de

um híbrido não está só no número de prêmios ganhos, mas também na porcentagem de plantas que são excepcionais. Muitos cultivadores que produziram este híbrido e o viram florescer concordam que a flor média deste cruzamento tem sido excepcional. O bom cultivador procura um cruzamento que possa produzir uma maior porcentagem de flores de melhor qualidade.

Phal Zauberot (*Lippezauber* x *Zauberrose*)

Nome	Híbrido	Hibridador	Ano	AM	HCC
Hakalau Ruler	Alice Sharpe x Zauberot	Carmela	1985	1	
Meteor	Zauberot x Zauberrose	Lemforder	1982		2
<i>Dtps.</i> Orglade's Tartan	<i>Dtps.</i> Orglade's Pastel x Zauberot	J & S	1989	1	

Phalaenopsis Rose Heart, um híbrido de *Phal.* Lipperose, registrado em 1978, já foi premiado seis vezes pela AOS. É comum, em muitos de seus híbridos, as flores grandes e numerosas e plantas que crescem rapidamente, atributos que fazem com que *Phal.* Rose Heart seja importante comercialmente e muito procurado por todo tipo de cultivador. Joann Brown, enquanto na Stewart Orchids Inc, produziu alguns excepcionais híbridos rosas, notadamente *Phal.* Herbert Hager, *Phal.* Ro-

se Heart e *Phal.* Spring Silk. John Royston, atualmente hibridador da firma, usou *Phal.* Rose Heart para criar *Phal.* Rosepetal Jelly e *Phal.* Escalation. George Fukumura, de Hilo, Havaí, criou *Phal.* Ida Fukumura, com flores rosa-escura, de forma excepcional numa inflorescência ramificada, atualmente bastante popular em hibridação. Carmela Orchids tem, também, usado esta planta extensivamente, inclusive em cruzamentos "sibling".

Phal. Rose Heart (Dear Heart x Lipperose)

Nome	Híbrido	Hibridador	Ano	AM	HCC	Outros
Dianne Burton	Rose Heart x Abendrot	R. Fukumura	1985		1	
Escalation	Whirlpool x Rose Heart	Stewart	1989	1		
Ida Fukumura	Micha x Rose Heart	G. Fukumura	1988	1	2	ISM/12WOC
Rosepetal Jelly	Rose Heart x Silk Promise	A & R	1985		2	
Rosy Flora	Rose Heart x Mem. Florentino					
	Ventosa	Universal	1884		1	
Saera Loeb	Spring Silk x Rose Heart	Loeb Jr.	1983	2	4	
Universal Rose	Rose Heart x Herb Hager	R. Smith	1983		1	
Zuma Pinkster	Rose Heart x Zuma					
	Sugarplum	Zuma Canyon	1986		1	

Phalaenopsis Spring Silk, registrado em 1978, já ganhou quatro prêmios das AOS e a relação dos prêmios acumulados por sua progênie atesta sua excelência como matriz. As flores, típicas, são grandes (11-12cm) e são de um suave rosa-pastel, o mais claro deles conhecido como "shell pinks" e "blush pinks" que, normalmente, são de duas tonalidades, rosa-claro sobre fundo branco. Essas flores são vistas com mais freqüência na costa oeste dos

EUA, onde são bastante populares e no Oriente. John Royston tem usado *Phal.* Spring Silk para criar híbridos de cor rosa concha, como *Phal.* California Glow com cinco prêmios da AOS, *Phal.* Ruby Nights e *Phal.* Second Start. Leon Loeb Jr. foi bem-sucedido no produzir impressionantes rosas-claros usando *Phal.* Spring Silk para criar *Phal.* Saera Loeb, *Phal.* David Loeb e *Phal.* Samuel Loeb.

Phal. Spring Silk (Lipperose x Quiescence)

Nome	Híbrido	Hibridador	Ano	AM	HCC	Outros
California glow	Silk Promise x Spring Silk	A & R	1984	1	4	
David Loeb	Malibu Girl x Spring Silk	Loeb Jr.	1983		6	1
						JC/IBM/SFOS
Ruby Nights	Herbert Hager x Spring Silk	A & R			2	
Saera Loeb	Spring Silk x Rose Heart	Loeb Jr.	1983	2	4	
Samuel Loeb	Malibu Exotic x Spring Silk	Loeb Jr.	1984		1	
Second Start	Cinnamon Heart x Spring Silk	Stewart	1986		1	
Spring Doris	Spring Silk x Doris	Lista	1983	1	1	

A segunda geração de cruzamentos com progênie do *Phal.* Lipperose continua a alcançar sucesso. O *Phal.* Abendrot (Lippezauber x Lippstadt) é o segundo mais premiado *Phalaenopsis* rosa com onze prêmios da AOS incluindo o único FCC/AOS ganho por um *Phalaenopsis* rosa. Esse híbrido também traz um escurecimento na cor de alguns dos clones. Os melhores têm a forma clássica de *Phalaenopsis*, uma cor de rosa-escuro e vibrante, substância pesada e uma inflorescência graciosamente arcada com flores bem arranjadas.

Como planta matriz, *Phal.* Abendrot continua a produzir progênie que, premiada, transmite sempre boa cor, forma e substância. Até hoje seis híbridos foram premiados, mas este número deverá aumentar já que está sendo

usado freqüentemente para hibridar. Muitos dos principais hibridadores incluem *Phal.* Abendrot nos seus programas de hibridação. *Phal.* Gallant Beau que produz rosas com labelo de um avermelhado intenso (resultado do uso de *Phal.* David Loeb), já ganhou dois prêmios da AOS e é bastante usado em cruzamentos pela Zuma Canyon Orchids.

Phal. Rose Girl, um híbrido do *Phal.* Zauberrose ainda não ganhou prêmios apesar de ter produzido *Phal.* William Sanders, registrado em 1982 e que já ganhou 8 premiações da AOS e 1 Award of Quality (AQ/AOS) dado ao cruzamento (12 plantas foram submetidas para julgamento e por unanimidade dos juizes, o cruzamento foi julgado tão superior que recebeu o

Phal. Abendrot (Lippezauber x Lippstadt)

Nome	Híbrido	Hibridador	Ano	AM	HCC
Dianne Burton	Rose Heart x Abendrot	R. Fukumura	1985		1
Gallant Beau	David Loeb x Abendrot	Zuma Canyon	1989	1	1
Habsburg	Abendrot x Zauberrose	Munz	1983	2	1
Lippegruss	Abendrot x Lippstadt	Hark	1983	1	3
Lippepracht	Lippeglut x Abendrot	Hark	1983		1
Orglade's Checkmate	Abendrot x Chuck Hagan	J & S	1983		1

AQ/AOS). Um clone de *Phal.* Rose Girl, é a melhor matriz de *Phalaenopsis* rosa para Herb Hager. Ele vê em *Phal.* William Sanders a possibilidade de continuar essa linha de excelência. Foi cruzado com *Phal.* Arlene Andrews para criar *Phal.* Strawberry Frost, com flores que medem 11,5-12cm e vão de rosa-suave a rosa-escuro com labelo rosa-pastel e com bom hábito de inflorescência. Cruzado com *Phal.* Herb's Pink criou-se *Phal.* Great Western, uma flor grande de rosa-médio com labelo de cor rosa-suave. Seu *Phal.* Dr. Robert Lamberth (Gladys Hager x Arlene An-



Phalaenopsis William Sanders 'Pink Delight' HCC/AOS. Esse cruzamento traz boas esperanças para os hibridadores de *Phalaenopsis* rosa. *Dono: Livingston Orchids*

Phal. Rose Girl (Best Girl x Zauberrose)

Nome	Híbrido	Hibridador	Ano	AM	HCC	Outros
Arlene Andrews	California Pink x Rose Girl	H. Hager	1982		1	
William Sanders	Flor de Mato x Rose Girl	H. Hager	1982	2	6	AQ
Gladys Hager	Herbert Hager x Rose Girl	H. Hager	1982			SM/11WO

drews) possui flores grandes (12,75cm) de rosa médio com textura lisa e bom formato. Herb Hager está atualmente na The Orchid Zone.

Freqüentemente nos referimos à hibridação tanto como arte quanto ciência. A ciência trata de entender as regras da natureza. A arte envolve interpretar os, as vezes, imprevisíveis resultados da combinação de material genético de plantas matrizes durante a polinização. Algumas características podem, também, ser recessivas por uma geração e reaparecerem dominantes na próxima. Os genes nem sempre se comportam como se espera, ou se deseja. O instinto, criado pelo estudo, experiência e as vezes sorte, freqüentemente, guia os hibridadores mais bem-sucedidos nos seus esforços; relação de registros e premiações mostram que alguns que outros.

O instinto, também, ajuda a identificar boas plantas matrizes mesmo que não tenham recebido muitos prê-

mios. *Phal.* Lipperose é uma dessas plantas. A primeira geração de uma matriz pode ser muito premiada, mas cruzamentos com essa progênie podem não ter sucesso. Um exemplo disso é o *Phal.* Flor-de-Mato. Ele produziu:

Phal. Herbert Hager (Dear Heart x Flor-de-Mato), 15 prêmios

Phal. Classic Pink (Lolita x Flor-de-Mato), 8 prêmios

Phal. William Sanders (Flor-de-Mato x Rose Girl), 9 prêmios

Phal. Zuma Plum (Flor de Mato x Linda Miller), 2 prêmios

Phal. Misty Delight (Flor de Mato x Silk Promise), 2 prêmios

O cruzamento contínuo com a segunda geração de híbridos de *Phal.* Flor-de-Mato até agora produziu muito pouco, embora alguns hibridadores da Califórnia acreditem que *Phal.* William Sanders possa prosseguir como boa matriz. Talvez a introdução da linha de *Phal.* Lipperose traga a combinação genética que estava faltando até

então. *Phal.* Herbert Hager, que foi registrado por Stewart Inc., em 1977, recebeu 15 premiações da AOS, todavia sua progênie recebeu somente cinco HCC/AOS e um SM/11 WOC.

Hibridação por instinto, apenas, é como comprar um bilhete da loteria. A vasta maioria é de perdedores. A pesquisa aumenta as chances de sucesso em hibridação. O histórico de hibridação de matrizes com potencial é um instrumento vital do hibridador bem sucedido, especialmente porque o clone de um grex pode cruzar de maneira completamente diferente de um "sibling". A disponibilidade de plantas de qualidade é outro instrumento vital pois não se pode usar o que não se tem. Algumas vezes uma mudança na filosofia de hibridação não é o que parecer. Um dos autores visitou um bem-sucedido hibridador, conhecido por usar somente plantas maduras para cruzamentos e observou, na seção de matrizes, bancadas cheias de plantas jovens carregadas de frutos. Ansioso por apreender o raciocínio subjacente a este excitante avanço na técnica de hibridação, acabou por descobrir que aquilo era, na verdade, uma concessão que o velho hibridador fazia à sua avançada idade!...

Os *Phalaenopsis* rosas não são frequentemente premiados hoje em dia. Como os brancos, eles atingiram um alto padrão de excelência, elevando assim o padrão pelo qual eles são julgados. As premiações para *Phalaenopsis* rosa-escuro são ainda mais raras, sendo que as imperfeições se tornam mais visíveis nessas flores.

Um objetivo compartilhado por muitos hibridadores é suprimir imperfeições como tonalidade clara, desigualdade de cor, esmaecimento da cor em volta da coluna e nas bordas dos segmentos, quebras de cor e a formação de pequenas veias de cor nas bordas. A textura granulosa vista especialmente nos rosas alemães, labelos que são moscados ou de cor indistinta, bordas picotadas ou desiguais, forma elíptica, tamanho relativamente pequeno, pouca substância, menor quantidade de flores e mau posicionamento das flores na haste são outras falhas.

As vezes hibridações bem-sucedidas têm saído de grandes estabelecimentos cujos clientes são comerciantes de flo-

res e de plantas em vaso. A ênfase nos cruzamentos, nesse caso, gira em torno da produção de uma gama de híbridos para os quais há um mercado garantido, flores abundantes e de bom tamanho em inflorescências ramificadas. Mas a lei das proporções diz que com tantas plantas florescendo, algumas exibirão qualidade superior. Hibridadores cujos mercados são primariamente amadores e outros hibridadores têm como objetivo a qualidade e serão a mais provável fonte para produzir flores mais escuras e de coloração mais intensa, como as que, recentemente, apareceram.

Muitos hibridadores cujas contribuições para a hibridação de *Phalaenopsis* rosa têm sido notáveis, nos transmitiram objetivos que perseguiram e as plantas que usam nos seus correntes programas de hibridação.

Fritz Hark, que tem o crédito da maioria dos cruzamentos que formam a base para a produção de flores de corte na Europa atualmente, continua seu trabalho para obter uma média de qualidade melhor em seus híbridos. Ele favorece *Phal.* Lippstadt 'Elegance' AM/RHS, como planta matriz, por transmitir boa cor e formato à sua progênie. Essa planta aparece nos *Phal.* Morganrot, Lippegruss, Lippeperle, Samson, Abendrot, Lippeglut, Lipperiese e outros. Ainda assim *Phal.* Lipperose tem provado ser a matriz mais importante da América, sendo que ela figura em várias linhagens diferentes de cruzamento. Hark também gosta de *Phal.* Abendrot 'Lippstadt' para dar forma e substância e do *Phal.* Zauber-

Phalaenopsis Danse 'Ascot' SM/AOS (82 pts) é um bom exemplo de *Phalaenopsis* rosa claro. As flores mede 11,2cm de largura e têm substância excelente.

Dono: Roberto Agnes



rose 'Elegance' FCC/RHS por causa do crescimento rápido da planta e da cor.

Tony Bos, do Jones and Scully, Inc. escolhe *Phal.* Abendrot como a sua melhor matriz rosa, citando o sucesso de cruzamentos como *Phal.* Orglade's Checkmate e *Dtps.* Roseapple Gem. *Dtps.* Orglade's Tartan parece ser promissor como matriz para o futuro.

Roy Fukumura gosta das plantas produzidas por seu filho George que está usando seu cruzamento *Phal.* Ida Fukumura com *Phal.* Pohakulani e *Phal.* Lipperose que aumenta o tamanho da flor. Tem *Phal.* Mi Cha como matriz promissora.

John Moses está trabalhando em flores rosas, claras e lisas com cores que não desbotam, textura aveludada, boa substância e o labelo de um rosa avermelhado mais escuro, qualidade que ele espera produzir em flores de formato melhorado. Ele espera criar uma demanda do comércio de flores com essas flores mais bonitas. A lista de plantas matrizes que ele gostaria de ter, incluem *Phal.* Flor-de-Mato 'Zuma Canyon' AM/AOS, *Phal.* Rose Heart 'Tropic Dawn' AM/AOS, *Phal.* William Sanders 'Pink Amazon' AM/AOS, *Phal.* Lipperose ou Abendrot, *Phal.* Margit Moses 'Vera' HCC/AOS e *Phal.* Magdalene Acker 'Vera' que é um rosa-claro liso com tamanho fenomenal, um progenitor que, como já foi provado, não descora e não esmaece tons mais escuros de outras matrizes.

Uma excepcional matriz de Vacherot & Lecoufle, da França, é *Phal.* Danse 'La Tuilerie' AM/RHS, um rosa verdadeiro, destituído de tons azuis ou lavandas. As flores são grandes e bem formadas e com bastante substância. Seu cruzamento, *Phal.* Vence (Danse x Provence) produziu alguns clones com flores de um excepcional rosa profundo. *Phal.* Plantation Serenade (Danse x Abendrot) criado por Diane Davis tomou a cor escura do *Phal.* Abendrot e o tamanho e forma do *Phal.* Danse, que é um híbrido de segunda geração de *Phal.* Lipperose. A forma é excepcional com as pétalas quase se encostando uma na outra.

Ernie Finney, o híbrido de Hausermann's Orchids, usou *Phal.* DuPage, um híbrido de primeira geração de

Phal. Lipperose, com bastante frequência. Tem produzido rosas como *Phal.* Hausermann's Ruby (Dorisellita x DuPage) e *Phal.* Purple Royale (DuPage Sun x Minnehaba) premiada em 1988. *Phal.* Evening Shade (Monticello x Minnehaba) 'York', um híbrido de terceira geração de *Phal.* Lipperose recebeu um AM/AOS em 1986. *Phal.* Margit Moses é outra planta que é usada constantemente como matriz.

Uma Conferência Mundial de Orquídeas, frequentemente, volta a atenção para plantas que foram premiadas, causando agitação na comunidade orquidófila e criando uma demanda por essas plantas e plantas similares. Na 12ª Conferência Mundial de Orquídeas, cinco, dos seis *Phalaenopsis* rosa que foram premiados, tinham *Phal.* Lipperose em sua linhagem. *Phal.* Ida Fukumura 'Dee' recebeu um SM/12 WOC. *Phal.* Keiko Hatano 'Tomie' SM/12 WOC (Mariposang Puti x Lippstadt) foi uma flor excepcional com forma redonda. *Phal.* Hisa Lady Rose (Otahime x Paradise Glow), ganhador de várias medalhas de prata e bronze tinha veias suaves em flores de boa forma. *Phal.* Lipperose figura na matriz *Phal.* Paradise Glow (Brazilian Glow x Zauberrose). *Phal.* Joline 'Zuma Canyon' BM/12 WOC (Joyau x Keumaline) foi de rosa-escuro com pintas. *Phal.* Mary Jo Zourgane BM/12 WOC (Telelrath x Opangine) é um rosa-claro. *Phal.* Telelrath é um cruzamento entre *Phal.* (Mad Hatter x Lipperose).

Nós estamos bastante expectantes com o futuro da hibridação de *Phalaenopsis* rosa. Ante tantos melhoramentos pode imaginar-se as flores que talentosos híbridoadores irão criar. Com uma pequena ajuda de genes prestativos, novos e espetaculares híbridos estão, certamente, "logo ali na esquina".

Literatura Citada

- Royal Horticultural Society Awards, 1968-1989. The Orchid Review Ltd.
American Orchid Society Awards Index. 1989.
Sander's List of Orchid Hybrids, Addendum 1961-70 (1972). London:

- The Royal Horticultural Society. Sander's List of Orchid Hybrids, Addendum 1971-75 (1976). London: The Royal Horticultural Society.
- Sander's List of Orchid Hybrids, Addendum 1976-80 (1981). London: The Royal Horticultural Society.
- Sander's List of Orchid Hybrids, Addendum 1981-85 (1987). London: The Royal Horticultural Society.
- American Orchid Society Awards Quarterly. 1979-1989. Vol. 10-20.
- Fisher, J. and D. A. Bishop. 1988. American Orchid Society Awards 1932-1987.
- Fisher, J. R. 1989. Bishop's Interim List of Orchid Hybrids registered during 1986-1988. Vienna, Virginia.
- Freed, H. 1981. *Phalaenopsis stuartiana*, Novelty Phalaenopsis Species. Amer. Orchid. Soc. Bull. 50 (12): 1458.
- Freed, H. 1984. Novas of the Phalaenopsis World — 3. Amer. Orchid Soc. Bull. 53(11):1146.
- Freed, H. 1979. New Horizons in Orchid Breeding. Day Printing Corporation, Malibu, California.
- Hager, H. 1985. Proceedings of the Eleventh World Orchid Conference. International Pre Co. (Pte) Ltd; Singapore.
- Moses, J. R. 1980. Phalaenopsis — The Search for Pink. Amer. Orchid Soc. Bull. 49(4): 363.
- Takasaki, S. 1989. Recent Phalaenopsis Breeding in the Hawaiian Islands. Amer. Orchid Soc. Bull. 58(1):10.

Sementeira dos Sócios

Tenho algumas plantas novas para a botânica brasileira e que estão sendo publicadas nos Estados Unidos, porque não está havendo interesse por parte das revistas brasileiras!

Eclésio Holanda Cavalcanti

Como leitor da nossa revista tenho certeza de que o senhor já deve ter lido os apelos feitos através dos editoriais para que os sócios participassem da revista. O apelo é justamente para que remetam artigos, que são sempre bem-vindos. Qualquer matéria, depois de ser aprovada pela Comissão

Editorial será publicada na Orquidário.

Orquidário

Solicito a retificação do nome do nosso sócio suíço referido na última Sementeira dos Sócios, cujo nome é Rudolf Jenny e não como saiu impresso.

Waldemar Scheliga

Feita a retificação.

Orquidário

Notas Sobre o Genero *Oncidium* VI

*Carlos Eduardo de Britto Pereira**

Dentre as orquídeas rupícolas do Brasil, o *Oncidium spilopterum* é seguramente uma das mais vistosas. Quando se trata de *Oncidium*, é praticamente impossível se fazer uma distinção entre rupícola e terrestre, pois a mesma espécie, de modo geral, tanto nasce diretamente sobre rochas quanto nos solos áridos formados pela decomposição destas e, mesmo, em solos em estado de intemperismo mais avançado e, portanto, mais férteis.

Embora não seja o assunto razão deste artigo, vou me alongar um pouco mais neste aspecto de crescimento das plantas na natureza, porque em minhas andanças pelos habitats naturais tenho encontrado plantas crescendo de maneira surpreendente e até inesperada, as quais gostaria de relatar.

Por exemplo: encontrei *Oncidium blanchetti* Reich. f., que é uma espécie conhecidamente rupícola, crescendo sobre velózias (canela de ema) em pedreiras, o que seria uma situação até esperada. Entretanto, o encontrei, também crescendo sobre árvores em mata de grotta, bastante fechada, com luminosidade, teoricamente, inadequada.

Algumas espécies da seção *Crispa*, notadamente *Oncidium crispum* Lodd, *Oncidium enderianum* Hort e *Oncidium gardneri* Lindl, que são espécies tipicamente epífitas (de árvores), crescendo sobre rochas totalmente expostas ao sol.

Oncidium varicosum Lindl., também epífita, crescendo sobre rochas e também diretamente no solo, na encosta de um pasto, com suas folhagens protegidas pelas touceiras de capim-gordura, só sendo notados pela ajuda dos tufo amarelos de suas inflo-

rescências. Em suma: embora haja uma situação mais freqüente de crescimento para cada espécie em particular, parece que elas brotam e vivem em qualquer lugar que seja propício à germinação de suas sementes. O *Oncidium spilopterum* é encontrado em pedreiras, campos de altitude sobre solos constituídos quase que exclusivamente de areia branca e em pastos com solo argiloso, no interior do Estado de Minas Gerais, sempre em altitudes superiores a 1.000 metros. Quando em floração, fazem um espetáculo deslumbrante com suas inflorescências altas e amarelas se destacando da vegetação rasteira circundante.

Ele tem pseudobulbos fusiformes com duas ou mais folhas no ápice de colorido verde-claro. Produz inflorescências altas, erectas, não ramificadas, com flores extremamente características: Sépalas e pétalas que variam do amarelo-esverdeado ao marrom-escuro, as sépalas laterais livres até sua base. Labelo amarelo-brilhante com disco de cor violeta. A intensidade desta cor violeta é variável, sendo em alguns casos tão clara que tende para o branco. O seu colorido aliado ao formato do seu labelo tornam esta espécie de fácil reconhecimento.

Apesar disso, o histórico desta espécie mostra-nos que houve muita divergência em torno dela, tendo suscitado até polêmicas literárias entremeadas por comentários sarcásticos e até mesmo um pouco agressivos entre os oponentes, publicadas em número do periódico inglês "The Gardner's Chronicle", do fim do século passado.

John Lindley descreveu o *Oncidium spilopterum* no Botanical Register em 1844. Mais tarde, na sua Folia Orchidacea *Oncidium*, em 1855, o classificou como uma variedade de *Oncidium batemannianum* Parm. porque tinha dú-

* Rua São Clemente, 398/907, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ, CEP 22.260.

vidas quanto à validade da espécie. Mais tarde, ainda no final do século passado (1897), a espécie foi revalidada, tendo em vista a obtenção de mais material para complementação dos estudos sobre ela.

Pouco antes disso, em novembro de 1892, Rolfe descreveu a espécie *Oncidium saintlegerianum* em homenagem ao Visconde de Saint Leger, a partir do material por ele enviado. Este nome tem sido considerado sinônimo de *Oncidium spilopterum*.

Nessa descrição, Rolfe cita que as sépalas laterais são soldadas em sua base e que o labelo apresenta uma crista larga, violeta-claro, constituída de três fileira de tubérculos carnosos e obtusos. Nos comentários sobre a espécie ele afirma: "O contraste do colorido o torna o mais bonito dentre seus companheiros de grupo. Possivelmente, não pode ser confundido com qualquer outra espécie deste gênero grande e difícil".

Logo em seguida, em janeiro de 1893, O'Brien refutou esta descrição dizendo que Rolfe, provavelmente, não tinha examinado bem o material relativo ao *Oncidium spilopterum*.



Oncidium spilopterum
Dono: Carlos Eduardo de Brito Pereira

Quando Rolfe se defendeu, no mês seguinte, teve a infelicidade de chamar o *O. spilopterum* de *O. spilotanthum*, dando margem a novos ataques por parte de O'Brien, embora, na sua defesa, tenha colocado um aspecto muito contundente para a diferenciação das duas espécies. O fato de uma ter sépalas laterais soldadas em sua base, pertencendo, assim, à seção *Synsepalas*, e a outra ter sépalas laterais livres, sendo portanto da seção *Oblongata*.

A resposta de O'Brien, ainda em fevereiro de 1893, é um tanto dura e, por conta disso, vou transcrever seus trechos mais agressivos: "Não sei o que Mr. Rolfe quis dizer por *O. spilotanthum* parecendo com o *O. saintlegerianum*, mas considerarei como sendo uma nomeação errônea para *O. spilopterum*... Todos os que o viram florir estão convencidos de que é idêntico ao *O. spilopterum*... Sobre o dito na descrição da espécie — possivelmente não pode ser confundido com qualquer outra espécie deste gênero grande e difícil — pode-se no mínimo dizer que é um comentário imprudente... Eu, sinceramente, espero que algum detalhe menor, invisível ao observador comum, possa salvá-la como espécie, pois, se não, ele deve ser colocado como uma mera variedade de *O. batemmannianum*.

A partir daí, esta espécie ficou desaparecida até 1966, quando Guido Pabst descreveu a espécie *O. ghillanyi* baseado em material fornecido pelo Barão. A. de Ghillany. Logo este nome foi considerado sinônimo do *O. spilopterum*.

Não tive em mãos nem esta descrição nem o material de herbário referente a ela, mas, comparando o meu próprio material, constatei que o que tenho para *O. ghillanyi* tem sépalas laterais concrecidas em sua base, e o que tenho para *O. spilopterum* as tem totalmente livres.

Vale a pena destacar que os habitats naturais das plantas, das quais retirei o material, são ambos em Minas Gerais, embora em locais bem afastados entre si.

Isto me faz suspeitar que existem, de fato, duas espécies de aspectos semelhante, *O. spilopterum* e *O. saintlegerianum*, do qual *O. ghillanyi* seria um sinônimo.

Substratos

*Lou Lodyga**

A qual busca incessante nós, orquidófilos, do mundo inteiro nos entregamos? Ao substrato perfeito é a resposta. Nenhuma outra família de plantas, exceto talvez as bromeliáceas (Bromeliaceae), crescem numa variedade de substratos tão grande.

Vamos analisar o que procuramos no dito "substrato perfeito". Primeiro deveria ser de fácil manuseio: quanto bom é um material que requer um diploma em engenharia para conseguir usá-lo. Deveria ser o mais fácil possível, inclusive para o principiante, eles já têm dificuldade suficiente para aprender tantos nomes. Depois deveria ser barato, os materiais para envasamento aumentaram drasticamente nos últimos anos. Você deve ter algo de produção local que seja de preço razoável. Em terceiro lugar deveria segurar a planta e não decompor muito rapidamente. Não é bom que o substrato comece a deteriorar antes que a planta possa se reestabelecer. Nosso substrato ideal deveria durar alguns anos sem danos à planta.

Em quarto lugar, e em paralelo com o terceiro, o substrato deve ser capaz de reter água (umidade). Obviamente se você vive num lugar de região mais árida, a capacidade de retenção de umidade será de vital importância para que sua orquídea não desidrate. Aqueles que vivem em regiões de fortes chuvas durante quase todo o ano, procurarão um material mais poroso e que tenha a capacidade de secar mais rapidamente, evitando assim o apodrecimento das raízes.

Em quinto lugar ter algum valor nutritivo. Alguns substratos na medida em que se decompõem, liberam nutrientes para as plantas, enquanto outros são estéreis. As orquídeas epífitas são mais comumente cultivadas em cascas de árvores, misturas de casca, osmunda, xaxim, carvão vegetal, pedras vulcânicas, esfagno, toros de cerne de madeira e em cestos. As terrestres são cultivadas em uma mistura arenosa porém bem drenada ou em xaxim.

O seguinte gráfico relata diferentes substratos e suas qualidades e defeitos.

Fácil de se usar	X		X	X	X	X	X	X
Difícil de se usar		X						
Barato	X			X	X		X	X
Caro		X	X			X		
É durador		X	X	X	X		X	X
Decompõe rapidamente	X					X		
Tem valor nutritivo		X	X					
Não tem valor nutritivo nenhum	X			X	X		X	X
Retem umidade	X	X	X			X		
Seca rapidamente				X	X		X	X
Pode se usado em estufas de ripado	X		X	X	X		X	X
Tem que ser usado em estufa com teto de fibra de vidro ou plástico		X	X			X		
	Casca de árvore	Osmunda	Xaxim	Carvão vegetal	Pedra vulcânica	Esfagno	Cerne de Madeira	Cesta

* 8100 SW 88 Court — Miami — Flórida, 33173 — USA.



Esfagno é o substrato perfeito para orquídeas como as do gênero Dracula. Essas plantas precisam ser mantidas bem úmidas o ano inteiro e não é incomum ter que se regá-las quase todos os dias. O esfagno vivo é o ideal porque não apodrece, mesmo com tanta água.

Agora vamos tentar nos aprofundar em cada um dos produtos acima mencionados.

Cascas de árvore e suas misturas são os materiais orgânicos de envasamento mais fácil de se usar. O substrato é simplesmente despejado no vaso, em volta das raízes e é levemente socado no lugar com os polegares. Embora usado, amplamente no norte, costas, oeste e este dos Estados Unidos, dura bastante, às vezes três anos, mas se decompõe facilmente no clima do sul por causa do calor, humidade e ação de bactérias. Suas principais qualidades, como já dissemos, são o fácil manuseio e o baixo custo. No Brasil alguns orquidófilos têm experimentado a casca de acácia por ser barata e fácil de encontrar. Ela tem que ser usada com bastante cautela, tem se notado que ela deteriora rapidamente e é necessário peneirá-la para tirar as fibras finas que podem obstruir a drenagem. Um outro fator importante é o nível de tanino na casca, ele é nocivo para a planta. A casca tem que ser tratada para retirar o máximo possível de tanino.

As fibras de osmunda vêm das raízes da samambaia desse nome. Tal substrato foi muito usado até 50 anos atrás, a maior vantagem é que as fibras seguram muito bem a planta no vaso. O seu maior problema é a natureza elástica dessas fibras que têm que ser socadas em torno das raízes, e mesmo assim têm a tendência a levantar para

fora do vaso com as primeiras regas depois do reenvasamento. É também bastante cara, mas seu maior atributo é a longevidade.

O xaxim é bem conhecido no Brasil e continua como um dos substratos mais usados. Se parece com as agulhas do pinheiro e segura com eficácia a planta. Como a osmunda, o xaxim libera alguns nutrientes na medida em que se decompõe. É um ótimo substrato, e, para conseguir melhores resultados, deve-se peneirá-lo para tirar todo o pó que tende a reter demais a água, evitando-se com isso, o apodrecimento das raízes. Nas regiões tropicais é necessário tomar cuidado com os fungos que podem se desenvolver no xaxim por causa da umidade elevada.

O carvão vegetal ou rocha vulcânica proporcionam resultados excelentes em regiões de muita chuva. Esses substratos não se decompõem e não ficam encharcados, como os substratos orgânicos. Devido à porosidade, esses substratos tendem a acumular depósitos de sais químicos resultantes da adubação que se combatem com regas frequentes d'água pura. Os dois são fáceis de usar, todavia os defeitos são o peso leve que nem sempre segura a planta bem e a constante necessidade de regar. Esses substratos funcionam bem com plantas que não gostam de água acumulada em volta das raízes, por exemplo, *Vanda*, *Ascocenda*, *Rhynchostylis* e *Renanthera*.

O esfagno tem sido usado desde o início do cultivo de orquídeas. Suas qualidades são o uso fácil e a capacidade de reter umidade. Suas desvantagens são a decomposição rápida do musgo, especialmente quando a planta é fertilizada com frequência, e a dificuldade em manter o musgo vivo. O esfagno só deve ser usado em estufas com teto sólido pois a rega deve ser bem controlada ou você arrisca o apodrecimento das raízes por excessiva retenção de umidade.

Cerne de madeira e cestas são fáceis de usar e as plantas dificilmente sofrerão por umidade excessiva devido à constituição aberta desses substratos. Apenas amarre com arame as plantas em torno da madeira ou cesta e você está pronto para criá-las. Não é ideal para quem vive em regiões secas, pois quase não há retenção de água. As cestas podem ser usadas em conjunto com carvão vegetal para o cultivo dos gêneros mencionados acima.

Como juiz credenciado da AOS, tenho tido a sorte de viajar frequentemente pelas Américas do Sul e Central e tenho visto muitos e diferentes substratos. Sei que no Brasil coxim e piaçava estão sendo usados com bastante êxito. É importante mencionar que quando um orquidófilo decide experimentar um substrato novo ele deve passar a usá-lo com apenas poucas plantas até verificar que ele funcione bem. Lembra-se que cada substrato reage de modo diferente de região para região. Já tenho visto muitos e diferentes substratos, sendo o mais bizarro deles, cacos de vidro polidos (e coloridos) em vasos de plástico transparente. Exatamente quando se acha que já viu tudo!

Tenho certeza que não citei todos os possíveis substratos que estão sendo usados. Orquidários no mundo inteiro continuam experimentando com substratos novos na esperança de encontrar aquele substrato perfeito.

Sementeira dos Sócios continuação

ORQUIDÁRIO vem mantendo relacionamento permanente com congêneres de outros países para troca de informações de interesse mútuo, pois, as questões relacionadas com a orquidologia são inesgotáveis.

Nesse sentido acabamos de receber um apelo do Sr. Olav Gruss, membro do Colégio Editorial da revista "Die Orchidee", solicitando a cessão de slides sobre todas as espécies de *Phragmipedium* e *Selenipedium*, originárias do

Brasil, para ilustrar artigos a respeito, na referida revista e mostrando:

- 1) a flor em tamanho ampliado;
- 2) o estaminóide
- 3) a planta inteira
- 4) aspectos de habitats

Aqueles que queiram atender ao pedido, poderão entrar em contato conosco ou diretamente com o Sr. Olav Gruss, In der Au 48, D 8217 Grassau, Rep. Fed. da Alemanha.

O excelente texto de E. Lucke, que se lerá abaixo, foi publicado na revista alemã *Die Orchidee*, 36(3)1985. É reproduzido, com permissão do autor, em precisa tradução de Waldemar Scheliga.

Para esta publicação, o autor indicou algumas correções a serem introduzidas no texto anteriormente publicado na Alemanha. Informou, também, que no período decorrido, todas as demais sementes que foram usadas no experimento, tiveram elevado percentual de germinação, sendo de registrar que, no entretanto, todas as plantas semeadas

já floriram.

O texto selecionado integra o conjunto de artigos que planejamos sobre semeadura, com vistas, a dotar os nossos sócios de informações sobre produção de plantas.

Certos procedimentos, como alguns produtos químicos usados pelo autor, não são encontráveis no Brasil, como é o caso dos meios de cultura utilizados. Os mesmos resultados podem ser obtidos com os processos de cultura disponíveis aos leitores, embora com maior ou menor grau de eficácia.

A conservação e o exame de capacidade de germinação de sementes de orquídeas tropicais

E. Lucke*

Adrienne Meyer, em 1974, congelou sementes recém-colhidas da Liliaceae *Asparagus meyeri* e da Orquidaceae *Disa uniflora*.¹ As sementes que foram usadas a cada ano, em pequenas porções, apresentaram ótimas taxas de germinação. Harvais,² relata, em 1980, que sementes maduras de *Cypripedium reginae*, estavam infectada, através da cápsula, pelo fungo *Alternaria*. Por sua vez, capsulas imaturas não apresentavam no biótipo infestação de fungo que atingisse as sementes. Por isso, foram recolhidas sementes imaturas, secadas e congeladas. Após 2 anos as sementes ainda tinham condições de germinar.

Iniciei, por minha vez, em 1976, experiências com sementes frescas que obtive do orquidário do Juergen Net-

zer, de Birkenau-Hornbach. As sementes foram secadas sobre sílica-gel azul e ficaram congeladas, a 20° C negativos, durante 8 anos. Em, 1984 as sementes germinaram em solução nutriente SBL-fórmula A:

- 7651 — *Oncidium splendidum*
- 7652 — *Oncidium microchilum* x *Oncidium lanceanum*
- 7653 — *Oncidium splendidum* híbrido
- 7656 — *Oncidium crispum*

Em 1976 as sementes germinavam a partir de 4 semanas e em 1984 a maior parte só germinava após 6-8 semanas.

Em 1984 submeti sementes de *Cattleya dowiana* var. *aurea* à secagem durante uma semana sobre sílica-gel azul, em dessecador e, em seguida, as congelei (-20°C) hermeticamente fechadas. Seis meses depois germinaram, praticamente em 100%, com uso de solução nutriente SBL-fórmula C. As sementes sucessivamente descongeladas à temperatura ambiente e novamente congeladas por quatro vezes, caíram sensivelmente na taxa de germinação.

* Ehrenfried Lucke, Brueckenstrasse 22, Sonnen-Apotheke, D-3250 Hameln 5 (Klein Berkel) R.F.A.
DIE ORCHIDES 36 (3) 1985.
Tradução: Waldemar Scheliga.



Semente após o teste de tetrazólio. À esquerda semente estéril. À direita semente fértil.

Os resultados foram obtidos pelo teste de tetrazólio.

Se esses primeiros resultados forem confirmados por estudos mais profundos e abrangentes, dar-se-á a possibilidade de se instalar um BANCO DE SEMENTES DE ORQUÍDEAS.

Principalmente porque as sementes de orquídeas tropicais são de curta duração em temperatura ambiente. Por outro lado, o volume de sementes de uma cápsula geralmente é muito maior do que a quantidade necessária para uma semeadura e a distribuição do restante entre outros interessados nem sempre é possível a curto prazo. Dessa maneira, valioso material fica inutilizado. Isto acontece, p.ex., com a *Bifrenaria* (1 cápsula de *Bifrenaria harrisoniae* continha 1.323.333 sementes), *Cattleyas*, *Catasetum* (1 cápsula de *Catasetum bicolor* continha 1.479.410 sementes), *Cymbidium*, *Stanhopea* etc. Por sua vez, uma semente pesa apenas um milionésimo de grama. Assim sendo, o conteúdo de uma cápsula poderia ser dividido em 50 porções de 30mg cada uma. Congeladas, ficariam preservadas para futuros interessados.

Para isto, é essencial que as sementes sejam:

— colhidas com todo asseio,

- pouco antes ou logo depois da abertura da cápsula,
- submetidas à secagem durante 3-6 dias no dessecador
- divididas em porções acondicionadas em frascos herméticos (p. ex. ampolas)
- congeladas a 20°C negativos,
- somente revertidas à temperatura ambiente para serem usadas.

A semeadura deverá ser processada dentro de uma semana e um exame prévio quanto ao poder de germinação será conveniente.

O teste de tetrazólio para comprovar o poder de germinação, foi descrito em 1949 por Lakon.³ Singh⁴, em 1981, chamou a atenção sobre a possibilidade do emprego desse método em sementes de orquídeas tropicais. Partindo das “Règles internationales pour les essais de semences”, Waes^{5, 6} desenvolveu um método especial para sementes de orquídeas terrestres européias, empregando a reação de tetrazólio como indicador da condição ideal do tratamento das sementes com hipoclorito. O tratamento com hipoclorito torna o envólucro (carapaça e testa) das sementes de orquídeas européias permeável. Quando a prova de germinação é positiva, o invólucro também é suficientemente permeável para permitir a germinação na solução nutriente. A reação de tetrazólio comprova a presença de dehidrogenases ativas nas células embrionais, sendo assim um comprovante da vitalidade da semente. Sementes estéreis não acusam dehidrogenase ativas.

A reação de tetrazólio consiste na redução de cloreto de 2, 3, 5 — trifênil tetrazólio (= TTC) incolor e solúvel n'água em trifênil-formazano (= TF)

Oncidium crispum, 12 semanas depois da semeadura. As sementes estiveram congeladas durante 8 anos.



— de coloração vermelha e insolúvel. Por isso, os embriões férteis são visíveis nesta cor. A reação depende do pH. Portanto, 1g de TTC é dissolvido em 100ml de uma solução tampão (pH 6, 5-7, 0). O preparo dessa solução tampão é feita dissolvendo-se, separadamente em 50ml de água destilada, 0,36'g dihidrogenofosfato de potássio(*) assim como 1,43g monohidrogenofosfato de sódio-12-hidrato(**), juntando em seguida as duas soluções. A solução de TTC a 1%, assim obtida deverá ser guardada em local escuro, em refrigerador. TTC é sensível à luz. Para o procedimento prático será de grande valia um funil de placa porosa^{8, 9}. As sementes introduzidas nesse funil são tratadas com uma solução de hipoclorito. Em seguida poderão ser semeadas ou guardadas em 5ml de água destilada esterilizada. Uma ínfima porção é utilizada no exame quanto ao poder de germinação, ficando primeiramente durante uma noite em 10ml de água destilada esterilizada. Em seguida a água é substituída por 5-10ml de solução TTC. O recipiente fechado é colocado numa estufa escura, a 30° C. Após 24 horas as sementes tropicais mostram o resultado (à temperatura ambiente após 48 horas). Os embriões férteis são claramente visíveis sob à luz apresentando uma coloração vermelha.

Caso a semeadura não seja efetuada logo após o tratamento com hipoclorito, extrai-se a água e, antes da semeadura definitiva, as sementes ainda devem ser tratadas durante 1-2 minu-

tos numa solução de hipoclorito de sódio a 0,3%.

Bibliografia

- MEYER, A.: Informações pessoais (1976 e 1984).
- HARVAIS, G.: Scientific Notes on a *Cypripedium reginae* of north-western Ontario, Canada, AMERICAN ORCHID SOCIETY BULLETIN 49: 237-244 (1980).
- LAKIN, G.: The topographical tetrazolium method for determining the germination capacity of seed. Pl. Physiol. 24: 389-394 (1949).
- SINGH, F.: Differential Staining of Orchid Seeds for Viability Testing, AMERICAN ORCHID SOCIETY BULLETIN 50: 416-418 (1981).
- RÉGLÉS internationales pour les essais de semences. Sci. and Technol. 4: 585-587/695-696 (1976).
- VAN WAES, J.: In vitro studie van de Kiemingsfysiologie van Westeuropese Orchideen. Promotionschrift, Gent und Meise (1984).
- VAN WAES, J.: In vitro studie van de Kiemingsfysiologie van Westeuropese Orchideen. DIE ORCHIDEE 35: 208 (1984). Bibliographie/Besprechung.
- LUCKE, E.: Die Desinfektionsfritte fuer Orchideesamen. DIE ORCHIDEE 26: 280-282 (1975).
- LUCKE, E.: Eine Vakuumfritte fuer Orchideesamen. DIE ORCHIDEE 34: 72-74 (1983).

(*) Sinônimos: fosfato de potássio monobásico ou fosfato de potássio primário.

(**) Sinônimos: fosfato de sódio bibásico ou fosfato de sódio secundário.

Oncidium Equitante

Raimundo Mesquita*



Onc. Toni Wilson 'Roman Holiday'
AM/AOS.
Cultivador: Joe Romano

A moda, como fenômeno social, está presente em todas as manifestações de atividade humana e isto, talvez, será o modo que ajuda o homem a vencer o tédio e superar a rotina. Na orquidofilia não podia ser diferente, “per troppo variar...”

Depois de ter sido um “must” em outros países, começa a surgir no Brasil crescente interesse pelos *Oncidium*s equitantes, estes pequenos festivais de cores e requinte, cuja beleza começa na própria forma das plantas, pequeninos leques de um verde acobreado e que, além do mais, pouco ocupam o espaço que já vai ficando caro e escasso para o amador de orquídeas. Falemos um pouco deles e de como temos conseguido cultivá-los.

O nome e a forma

Das *Oncidineae*, ganharam o adjetivo por particularidade, que não é apenas sua, mas que, nessa espécie, é bem marcante. As folhas, em forma de leque, nascem do ínfimo e rudimentar pseudobulbo e como que “montam” sobre as outras anteriores, e, aos poucos, vão formando uma fechada tou-

ceira, de regra com suas coriáceas folhas triquetras e carinadas, como se estivessem formando uma calha por onde deveria escorrer, até as raízes, a água das chuvas que sobre elas caem nos seus habitats de origem, a bacia do Caribe, e voltando às folhas daquelas que, próximas de regiões secas, não dispõem de chuvas regulares e constantes. Já outros, que vegetam nas matas, úmidas e sombreadas das ilhas do mar do Caribe, não precisaram desenvolver aquela forma especial de folha, pois não necessitam armazenar tanto para os momentos de escassez...

Os laços de família

Olaf Swartz escolheu, em 1800, o *Oncidium variegatum* como a espécie típica do recém-estabelecido gênero *Oncidium*. Firtz Kränzlin agrupou, em 1922, os equitantes na subseção *Variegata*, que ele deu ao gênero *Oncidium*.

Como é comum quando se trata de orquídeas, têm havido tentativas de deslocamento e classificação como novos gêneros, próprios e autônomos, tais como *Jamicella* e *Hispaniella*, o que ensejou um irado comentário de Goodale Moir e May A. Moir, que iniciaram e desenvolveram a hibridação dessas pequenas jóias: “só deveria ser permitido denominar e descrever plantas a quem as conhecesse bem e soubesse das afinidades delas para cruzamento”. Fiquemos, pois, com *Variegata*, já que não queremos vestir a carapuça e o que nos interessa é fazer a apresentação dos lindos híbridos que, a partir dos trabalhos dos Moir, estão à disposição das nossas coleções.

Beleza e requinte

Vou dizendo, logo, que, amando o que é belo, não entro numa das brigas

* Rua Dona Mariana n.º 73/902 — Botafogo — Rio de Janeiro, RJ — 22.280.



Onc. Charlotte Libby 'Marcelle' AM/AOS. A foto mostra o estado saudável da planta, seu enraizamento e o sistema de fertilização.

Cultivador: Raimundo Mesquita

que mais apaixonam os orquidófilos, espécies x híbridos. Embora, confesso, me incline pelo direito que o homem tem, como criador de beleza, de intervir para criar novas formas e padrões, nada tenho contra as espécies, sobretudo quando satisfazem os meus padrões estéticos. Até porque, sem as espécies, nada teria sido feito...

Um dia desses, aliás, vou falar sobre a vacuidade das polêmicas, dessa, como de outra, ainda mais acirrada, a dos "gulosos" contra os "faquires", ou seja, dos que fertilizam contra os que acham que o cultivo deve ser natural e que a mãe-natureza ajuda sem-

pre a planta a "se virar", assim como o faquir, esqualido, medita e filosofa porque tem fome...

Vêm os leitores que eu não estou entre os faquires e que vou dando uma "mãozinha" à mãe-natureza.

Brincadeiras à parte, voltemos ao tema, para dizer que quem vê as cores e o requintado desenho, sobretudo do labelo, de um *Oncidium* equitante, jamais os esquecerá.

Sabemos todos que a floração é o resultado de um processo biológico da planta, propiciado por um conjunto de condições satisfatórias: idade e estado sanitário, de um lado, e, de outro, as propriedades que o habitat propicia para satisfazer às necessidades da planta: alimentação, aeração, luminosidade e umidade.

O *Oncidium* equitante responde àquelas condições oferecendo-nos uma haste floral que varia de 15 a 30 centímetros e por onde vão se distribuindo as flores, multicoloridas, que ficam próximas uma das outras, mas não superpostas, e vão se abrindo em seqüência. Produzem, às vezes, na haste principal, ramificações secundárias, com 4 a 6 flores que aumentam a beleza do conjunto. É aconselhável, quando a planta é suficientemente robusta, ir cortando pedaços da haste que já tenha florido, até próximo e acima da brátea que cobre gemas florais (por vezes estas produzem "keikis" sobretudo nos híbridos em que está presente o *Oncidium urophyllum*,) pois isto força o surgimento de novas hastes e nova floração, permitindo que a planta se mantenha florida por alguns meses, coisa que qualquer um de nós tanto deseja.

As flores costumam, quando de boa qualidade e padrão, apresentar-se bem planas, com bastante substância, medindo até 3 centímetros de diâmetro, sendo que grande riqueza e variedade de cores salpicam o grande labelo e, quase sempre, também, pétalas e sépalos.

Cultivo

Como muitos *Oncidiums*, os equitantes não gostam de muita água diretamente sobre eles. Raízes encharcadas, por longo tempo, decretam, inexoravelmente, a sua morte, como propiciam a invasão de fungos e bactérias.

Por experiência pessoal posso afirmar que eles preferem estar secos a maior parte do tempo, com as raízes expostas, em local bem ventilado e claro (dão-se muito bem com a luminosidade que damos às *Cattleyas*).

Embora seja possível cultivá-los em vasos, bem pequenos, com grande drenagem e substrato que não retenha muita água (pedacinhos de cortiça, isopor, carvão vegetal etc.) dão-se muito melhor quando montados em pedaços de madeira de lei, (ipê, cedro, jatobá etc.). Destaco que parecem detestar palitos de xaxim, porque estes retêm muita água, sobretudo em regiões de clima temperado e com períodos de frio intenso, como é o local onde os cultivo.

A temperatura mais desejável situa-se na faixa de 10° mínima, de inverno, e máxima de 30° no verão.



Ro/cm. *Phyllis* 'Robson II'/HCC-AOS.
Cultivador: Raimundo Mesquita

Embora, suportem, por períodos pequenos, valores menores, ou maiores do que os acima indicados, é prudente procurar respeitar aqueles limites, com alguns cuidados, não difíceis de adotar, pois se trata de plantas pequenas e fáceis de transportar para um lugar mais protegido do frio ou menos quente das nossas estufas.

No calor é recomendável algumas pulverizações de água ao longo do dia,

não diretamente sobre a planta, mas no seu entorno, para aumentar a umidade relativa do ambiente.

A combinação luz adequada e muita ventilação parecem ser essenciais. As boas condições de luz são indicadas pelo verde acobreado das folhas e o resultado da ventilação nota-se pela rapidez com que secam as raízes, que ficam esverdeadas quando molhadas, retornando, ao secarem, ao branco do velame e só com as pontas de um verde claro.

Gostam de fertilização foliar, mas preferem alimentar-se pelas raízes. Como eu os cultivo montados em pedaços de madeira, costumo alimentá-los amarrando um pequeno saco plástico (como pode ser visto numa das fotos) com algumas poucas perfurações, de diâmetro mínimo (alfinete, p. ex.) que encho com partes iguais de farelo de mamona, farinha de osso, ou de ostra, e cinza de madeira. Durante as regas, o conteúdo do saquinho fica molhado e vai deixando escorrer quantidades ínfimas de fertilizante (em primavera/verão molha-se mais e é, também, época de ativo crescimento, a planta é mais alimentada, já no outono/inverno há menos rega, portanto, pouca fertilização). A observação constante do cultivador é, também, roteiro seguro para controle desse modo de fertilização: como as raízes estão à mostra, é fácil ver se estão escurecendo ou secando, sinal de queima e excesso de fertilização, caso em que se recomenda retirar qualquer fertilizante e regar bem o suporte, que, sendo de madeira, eliminará rapidamente o excesso de nutrientes.

Para montar os *Oncidium*s equitantes em palitos ou placas de madeira, uso colocar entre as raízes um pouco de musgo (esfagno) vivo, amarrando com fita plástica ou arame fino recoberto de plástico, até que as raízes agarrem no suporte de madeira, quando, também, início o programa de fertilização.

Além disso é só propiciar-lhes luz, muita ventilação e umidade circundante entre 50 e 60% e, pronto, é esperar a festa colorida da floração duradoura e, vantagem adicional, que se repete mais de uma vez por ano.

Estas plantas, pelas condições a elas oferecidas, não são alvo fácil de pragas e doenças. A mais comum é o pulgão lanoso que se aninha na bainha das fo-



*Onc. Charm 'Yellow Doll'. A foto mostra ramificações laterais, depois de cortada parte da haste principal. Esta flor mostra a influência do *Onc. Urophyllum*.*

Cultivador: Raimundo Mesquita

lhas, fácil de combater com uma solução fraca de álcool/água ou de sabão neutro. Em caso de necessidade em razão de ataque mais intenso, quando não se detectou a tempo, um inseticida sistêmico, que não contenha malathion (por experiência pessoal, posso dizer que é devastador para essa plantinha), dá bons resultados, com uma ou duas aplicações, com intervalo de 15 dias. Os fungos e bactérias são de rara ocorrência e facilmente combatidos com Cerconyl (Daconyl + Cercobin, em partes iguais) ou Gramicina.

São plantas fáceis de cultivar e que retribuem largamente o cuidado que lhe dedicamos. Além disso, são ainda novidades entre nós. Portanto, varie-

Referências

"Creating Oncidinae Intergenerics", W.W. Goodale Moir e May A. Moir; U.P. of Hawaii, Honolulu 1982.

"Breeding Variegata Oncidiums" — W.W. Goodale Moir e May A. Moir; for Lyon Arboretum, 1980.

South African ORCHID JOURNAL,

Vol. 16, nº 2, junho de 1985, pág. 51 ss.

Aos Bulletin, vol. 55, nº 7, julho de 1986, pág. 676 ss.

Aos Bulletin, vol. 58, nº 2, fevereiro de 1989, pág. 114 ss.

Formação dos híbridos de *Oncidium* equitante

A partir das experiências dos Moir, os primeiros híbridos foram gerados principalmente, de 5 espécies do Caribe: *triquetum*, *urophyllum*, *pulchellum*, *guianense* e *henekenii*, às quais foram se adicionando, em menor escala, outras 5: *haitiense*, *tetrapetalum*, *variegatum*, *calochilum* e *velutinum*.

Muitos híbridos, complexos, foram criados a partir daqueles, com introdução de outros gêneros: com *Rodriguezia* (*Rodricidium*), *Ionopsis* (*Ionidium*) etc.

Aferição de luminosidade

Se você não dispõe de um luminímetro, pode medir a luminosidade ambiente como uso de fotômetro.

Coloque os indicadores de fotômetro na posição de 100 asa e, no local escolhido, veja qual é a abertura de foco recomendada. Para conversão em "lux" (unidade internacional de medida de iluminamento) siga a tabela abaixo, mas considerando que pode existir margem de erro de 10%:

f/3.5	= 400 lux
f/4.0	= 500 lux
f/4.5	= 650 lux
f/5.0	= 800 lux
f/5.6	= 1.000 lux
f/6.3	= 1.300 lux
f/7.0	= 1.600 lux
f/8.0	= 2.000 lux
f/9.0	= 2.400 lux
f/11.0	= 4.000 lux
f/12.7	= 5.200 lux
f/16.0	= 6.400 lux

Os *Oncidiums* equitantes vão bem entre 2.400 e 3.000 lux, algo, portanto, em torno de f/9.00 a f/10 no seu fotômetro. Têm necessidade de luz igual à das *Cattleyas*. (Extraído de Sessler, Gloria Jean, Orchids and How to Grow Them, Pentice Hall, Inc, 1978, pags 46/47)

Variedades

Tesouros entre as Orquídeas

Deu manchete no *New York Times!*

Você acreditaria? Um cultivador de orquídeas, um juiz ainda por cima, talvez seja um dos maiores ladrões de arte de todos os tempos, numa história de intrigas que concorre com qualquer *best-seller* de suspense.

O *Times* começou sua história na primeira página e a continuou em quase todo o outro lado da página, repleto de mapas, uma foto dos tesouros medievais roubados, e, claro, uma foto do falecido, principal suspeito, Joe T. Meador, segurando uns vasos de raquíticas *Cattleyas*.

Parece que o Sr. Meador, que morreu há dez anos, foi um oficial do Exército americano durante a Segunda Guerra Mundial, sediado em Quedlinburg, uma pequena cidade na Alemanha oriental. As obras, que pertenciam à Igreja Stifskirche Domgemeinde dessa pequena cidade, incluíam raros manuscritos incrustados com jóias e outros objetos preciosos datados dos séculos IX e X.

Antes que os alemães se rendessem, os tesouros foram escondidos numa galeria de uma velha mina, mas depois foram descobertos por um “bebido” soldado americano. Tornou-se então responsabilidade do Exército americano guardar os tesouros, que logo depois desapareceriam misteriosamente.

E adivinhem quem se encarregava de guardar os tesouros saqueados? Ninguém mais que o outrora estudante de artes e aficcionado Joe Meador da pequena, empoeirada cidade de Whitewright, no Texas, onde aparentemente alguns ou todos os tesouros sumidos, apareceram.

Afora ter três estufas cheias com 6.200 orquídeas, “representando 129 variedades”, o então recluso Sr. Meador tinha uma casa cheia de objetos de arte, preciosíssimos — “raros além da imaginação” — que, eventualmente, legou a seus parentes. Esses, por sua vez, tentaram vender algumas das pe-

ças e isso levou à descoberta do tesouro desaparecido, principalmente quando um dos objetos mais preciosos, um Evangelho Carolíngio — um dos três conhecidos — foi devolvido à Alemanha depois de paga uma recompensa de 3 milhões de dólares ao “descobridor”. Recentemente apareceu uma foto no *Times* de um sorridente senhor alemão segurando o manuscrito feito de ouro, prata e encravado de jóias, cuja Fundação havia “comprado”, em nome da igreja.

Posteriormente, artigos nos jornais revelaram que a igreja tinha contratado dois advogados, especializados na recuperação de tesouros culturais, para acharem os objetos perdidos. De acordo com o jornal, quando um dos encarregados fora perguntado se planejara alguma ação legal, ele respondeu, “Eu não estou aqui (Whitewright, Texas) porque meu agente de viagens recomendou o clima”. Concomitantemente, um segundo objeto desaparecido surgiu na Europa, aparentemente tendo sido vendido por um dos herdeiros.

Em Whitewright, os herdeiros nada falam e a cidade tomou um ar de carnaval, com repórteres e câmeras por toda parte do pequeno e dorminhoco lugar. “É a coisa mais excitante que jamais aconteceu na cidade”, segundo um repórter do jornal local. Um artigo posterior revelou uma declaração de um amigo do Sr. Meador: “fiquei atormentado com o conflito entre o deleite com as obras de arte e não ser capaz de devolvê-las como sabia que deveria.”

E não parou por aí. Dia após dia apareciam revelações. Os herdeiros, pressentindo problemas, transferiram o saque de um armazem para outro em Dallas e outras comunidades, assim que um juiz federal deu permissão aos advogados de inventariar o tesouro. O que eles acharam, ainda assim, foi surpreendente. Aparentemente Quedlinburg não é o único lugar que o amante

de orquídeas e “connoisseur” Joe Meador “visitou”. Havia outros objetos de arte — uma coleção de raras moedas medievais, de qualidade de museu — sem conexão com os tesouros da igreja.

Sim, a história ainda está cheia de

mistério e intrigas e certamente virará uma quentíssima minissérie.

Só para mostrar que pode haver outras coisas nocivas entre as orquídeas que não cochonilhas famintas e carrapatos.

Perguntas e Respostas

Tenho comprado alguns *Cymbidiums* que parecem ir bem mas nunca florescem. Quais são as necessidades para que eu possa fazer florir minhas plantas?

Rosa Santos
Uberlândia

Se as plantas estão crescendo bem sem florescer é provável que elas não estejam recebendo luz suficiente. Essas plantas precisam de luz forte para florescer e uma boa indicação disso é a cor verde-amarelada das folhas. Folhas verde-escuro indicam excesso de sombra e apesar das plantas crescerem bem elas não darão flores ou a floração será fraca.

Para informações mais completas leia o artigo “O Cultivo de *Cymbidiums*” na revista *Orquidário*, Volume 3, número 3.

Roberto Agnes

Como combater uma vespa que deposita larvas verde-claro no substrato de vasos?

José Salgueiro Rovira
Bragança Paulista

Qualquer inseticida sistêmico, aplicado, regularmente com pulverizador, torna o substrato mortal para este tipo de praga. Inseticidas e fungicidas devem ser aplicados antes e não quando está presente a infestação.

Álvaro Pessoa

Como evitar a formação de colônias de pequeninas formigas que cortando xaxim formam seus ninhos em volta dos brotos novos?

Elias Feres
Piúma, ES

As formiguinhas não fazem qualquer mal, Elias. Apenas se alimentam do açúcar que exsuda junto com a transpiração da planta. Muito mais mal às suas plantas pode fazer o uso de pó de xaxim em vez de fibra de xaxim.

Álvaro Pessoa

Nossas Orquídeas Menores

Cirrhaea Lindl. (1ª Parte)

Vitorino Paiva Castro Neto*

Marcos Antônio Campacci*

Resumo

O presente estudo faz um rápido comentário sobre o gênero *Cirrhaea*, apresentando uma chave de classificação das suas 7 espécies, incluindo uma espécie nova e sua descrição (*Cirrhaea silvana* nv. sp.). É descrito também o clima onde as *Cirrhae* são encontradas, sua distribuição geográfica e seu cultivo.

Abstract

This work makes a short comment about the genus *Cirrhaea* with a — classification key of the 7 species of the genus, including a new species and its description. The climatic conditions, natural habitat geographical distribution and cultural requirements are also discussed here.

O gênero *Cirrhaea* foi estabelecido por Lindley em 1825 e o nome dado com referência à inflorescência delgada e sinuosa, com pedicelos patentes e curvados, lembrando gavinhas. Este belo gênero é conhecido popularmente como “penca de vespas” devido ao aspecto das flores com as sépalas viradas para trás, dando a impressão de insetos voando.

Espécies de *Cirrhaea* Aceitas e Sinônimos

- Cirrhaea dependens* Reichb. f. — “Walp. Ann. Bot.” — vol. VI VI (1861) — p. 496
syn.: *Cirrhaea tristis* Lindl. “Bot. Regist.” vol. XXII (1836) tab. 1889
Cirrhaea viridi-purpurea (Hook.) Lindl. — Bpt. — Regist. XVIII (1832) tab. 1889
Cirrhaea hoffmannseggii Heynh. seg. Reichb. f. — “Walp. Ann. Bot.” vol. VI (1861) p. 496
Cirrhaea violacea Hoffmsgg. “Verz. Orch.” (1843) p. 47
Cirrhaea livida Hoffmsgg. “Verz. Orch.” (1843) p. 47
Cirrhaea russeliana Lodd. seg. Reichb.f. “Walp. — Ann. Bot.” vol. VI (1861) p. 497.
Cirrhaea fuscolutea Lindl. — “Bpt. Regist.” vol. — XVIII (1832) tab. 1538
muitas outras variedades.

Cirrhaea loddigesii Lindl. — “Bot. Regist.” vol. XVIII (1832) tab. 1538

syn.: *Cirrhaea obtusata* Lindl. — “Bot. Regist.” vol. — XXIIIU (1837) tab. 2005
Cirrhaea pallida Lindl. — “Bot. Regist.” vol. — XXIII (1837) tab. 2005

Cirrhaea nasuta Brade —

Cirrhaea longiracemosa Hoehne — “Bol. de Agric.”, São Paulo (1933) — p. 627 — tab. 14

* Círculo Paulista de Orquidófilos

Rua Álvares Machado, 41 — 20º andar — conj. B-C-D — São Paulo — SP.



A Lc Little Mariana, magnífico híbrido, criado por Sandra Odebrecht, é um exemplo da contribuição de plantas brasileiras à orquidofilia internacional, assunto de que falaremos no próximo número.